

# Presença de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Rafael Bordalo Pinheiro no debate e na polêmica naturalista no Brasil

Jean-Yves Mérian\*

Os críticos e historiadores da literatura brasileira, quando abordam o tema da transição entre o Romantismo, o Realismo e o Naturalismo insistem geralmente no conflito que houve em 1878 entre Machado de Assis e Eça de Queirós por ocasião da publicação no Brasil de *O Primo Basílio*. Foi a famosa polêmica d'*O Primo Basílio*.

Do nosso ponto de vista este acontecimento não foi um enfrentamento entre duas personalidades de temperamentos e de destinos tão diferentes, como deixa imaginar Álvaro Lins, na sua *História Literária de Eça de Queirós*.<sup>1</sup> Os temas de estética e de moral não eram os únicos motivos de oposição, embora tenham dado motivo para muitos artigos. Este episódio polêmico se inscreve num contexto particular. Existia uma crise profunda na sociedade brasileira em mutação (debate entre monarquistas e republicanos, sobre a natureza do regime político, as relações entre a Igreja e o Estado, o futuro da escravatura...).

Os conflitos eram muito intensos entre os intelectuais e escritores brasileiros, mais ainda do que aqueles que grassavam na capital portuguesa. Nos dois países o papel dos intelectuais era debatido. Em Portugal precisamente, após a “Questão Coimbrã” de 1865-1866, a agitação intelectual se amplificou a partir de 1871, com a organização das “Conferências do Casino de Lisboa”. É certo que Antero de Quental era a personalidade cuja autoridade se impunha a toda uma geração. Porém, três jovens escritores e artistas de talento promissor se fizeram conhecer. Dois deles pela audácia dos seus textos, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, o terceiro, pela força e a impertinência das suas caricaturas, Rafael Bordalo Pinheiro.

---

\* Jean-Yves Mérian é professor titular de estudos brasileiros na Universidade de Rennes 2- Haute Bretagne. Titular de um Doctorat d'État sobre Aluísio Azevedo e o naturalismo no Brasil. Diretor da *Equipe d'accueil doctorale des langues romanes* da Universidade de Rennes 2. Suas pesquisas atuais giram em torno da problemática identitária e racial no Brasil de fins do século XIX aos nossos dias.

A proximidade das três personagens da “Geração de Setenta” e sua amizade nunca se desmentiram ao longo de sua existência, apesar da distância imposta entre eles por suas ocupações profissionais. As relações dos três com o Brasil não datam de 1878, mas sim de 1871 e 1872. Já naquele tempo não tinham nada de fútil ou de anedótico. Estas relações romperam com o tipo de intercâmbios que existiam até então entre escritores portugueses e brasileiros do período romântico.

O contexto não era exatamente o mesmo em Lisboa, no Rio de Janeiro ou no Recife, mas o tema do futuro da monarquia, da luta contra o obscurantismo de um clero ultramontano, dirigido pelo Papa Pio IX, o papel deletério da religião sobre a família e a educação, a questão da emancipação das mulheres (relativa posto que as referências dos reformistas eram os textos de Proudhon e de Auguste Comte, que de revolucionários pouco tinham), faziam com que esses temas fossem comuns aos jovens intelectuais portugueses e brasileiros.

No Brasil, a esses temas se adicionavam aqueles ligados à escravatura, a definição da Nação, o modelo de sociedade a ser construída. Os textos publicados pelos portugueses serviam de ponto de partida para muitos debates nos jornais e nas revistas das principais províncias do Brasil. Com efeito, graças à navegação a vapor os jornais, revistas e livros de Lisboa chegavam a São Luís, Recife, Salvador e Rio de Janeiro três semanas depois da sua edição.

Nessas cidades os jornais e revistas, muitas vezes fundados por portugueses ou luso-brasileiros, preferiam os romances-folhetins vindos da França. As obras de Sue, Féval, Boisgobey, de Montépin, Dumas, Richebourg, Balzac, eram pura e simplesmente, traduzidos e publicados, sem que quaisquer direitos autorais fossem pagos. Essa literatura exerceu uma influência considerável sobre o gosto dos leitores ainda pouco numerosos nas cidades e nas Casas Grandes. Porém, em relação aos debates de idéias, os artigos dos cronistas portugueses serviam geralmente de base para os artigos publicados nos jornais e revistas brasileiros. Às vezes até livros de crônicas tinham edições piratas no Rio e em Recife. Para as idéias novas, os autores portugueses foram mediadores essenciais, embora certos autores franceses fossem lidos diretamente no original ou em traduções para o português. Era o caso de A. Comte, E. Renan, E. Littré. Isto explica que *As Farpas* de Ramalho Ortigão e *Eça de Queirós* que foram difundidas a partir de 1872 tenham tido tanto sucesso. Da mesma forma as crônicas de Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, e da feminista Maria Amália Vaz de Carvalho (esposa do poeta brasileiro e mulato Gonçalves Crespo), tiveram um público fiel.

A escolha desses três autores, sem diminuir a importância de outros, justifica-se pelo destino comum que tiveram por ocasião do grave conflito que marcou a publicação d'As *Farpas* no Recife em 1872. O mesmo ocorreu no momento do debate que precedeu e se seguiu à publicação de *O Primo Basílio* no Rio de Janeiro em 1878. Foi efetivamente no Recife que o impacto d'As *Farpas* foi mais forte e os desenhos de Bordalo Pinheiro levantaram maior polêmica. Recife era então um próspero porto de comércio, modernizado a partir de 1840 (pontes, instalações portuárias, edifícios públicos, teatros...), graças nomeadamente aos projetos do engenheiro francês Louis Vauthier que lá morara entre 1840 e 1846. A cidade vizinha de Goiana também era um centro comercial muito ativo.

Os comerciantes portugueses ou de origem portuguesa ocupavam uma posição dominante que provocava inveja e cobiça dos nativos. A paz social era precária e a menor faísca podia provocar um incêndio, uma rebelião dos nativistas e patriotas contra os “marinheiros” ou os “galegos”.

Mas Recife era também uma cidade onde se encontrava toda uma geração de estudantes e intelectuais abertos às idéias novas vindas da Europa, a famosa “Escola do Recife” que teria uma influência considerável na vida intelectual, cultural e literária brasileira do último quarto do século XIX. Comte, Darwin, Spencer, Renan, Hegel, eram lidos e comentados.

Os principais fundadores da “Escola do Recife” passaram pelos bancos da Faculdade de Direito: Tobias Barreto, Sylvio Romero, Joaquim Nabuco, Franklin Távora, Ruy Barbosa, Araripe Junior, Celso Magalhães, Inglês de Souza, Clóvis Bevilacqua, Arthur Orlando, José Mariano, entre outros. Em muitos casos só passaram a residir no Rio de Janeiro após 1875.

Era ao redor da Faculdade de Direito, em jornais como *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Recife*, *A Província*, *Jornal do Comércio*, ou em revistas como *Movimento*, *O Seis de Março*, que se organizava a vida intelectual e literária. Os artigos e crônicas dos intelectuais portugueses tanto literários como políticos eram comentados e a guerra entre Antigos e Modernos que fervilhava em Lisboa era uma coisa familiar para os jovens pernambucanos da classe dirigente.

No dia 15 de maio de 1872, o jornal republicano *O Seis de Março* publicou as primeiras *Farpas* relativas à viagem de Dom Pedro II pela Europa. Sem querer, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão participaram do debate brasileiro e foram utilizados pela propaganda anti-monarquista. Durante esta viagem que o levou a diversos países europeus, mas também ao Egito, onde visitou as obras do canal de Suez, Dom Pedro II conheceu e frequentou todos os homens políticos e intelectuais, escritores e cientistas de primeiro plano.

Nessa ocasião, por exemplo, encontrou E. Renan, H. Taine, Berthelot, Pasteur, C. Bernard e foi recebido pelas instituições mais prestigiosas como as Academias de Letras e de Ciências da França.

Contudo, em Portugal tudo foi tratado com espírito de pilhéria por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão: o gosto do Imperador pela cultura científica, pela filosofia, o interesse que manifestava pelas línguas antigas, suas preferências culinárias, a maneira que tinha de se vestir, sua simplicidade de burguês... tudo era motivo de zombarias, às vezes cruéis. As caricaturas e os comentários satíricos de Bordalo Pinheiro: *Apontamentos sobre a picaresca viagem do Imperador de Rasilb pela Europa*,<sup>2</sup> completava esse quadro descortês, quase ofensivo, que dava a imagem de um Imperador totalmente ausente no momento de grave crise política provocada pela “Lei do Ventre Livre” e também pela crise profunda entre a Igreja e o Estado, conhecida com o nome de “A Questão Religiosa” ou “A Questão dos Bispos” que ia durar de 1872 a 1875.

Se compararmos as caricaturas realizadas cinco anos mais tarde por Aluísio Azevedo no Rio de Janeiro em *O Mequetrefe*, por ocasião de uma nova viagem de Dom Pedro II à Europa, não resta nenhuma dúvida sobre as influências de Bordalo Pinheiro que então, no Rio de Janeiro, publicava suas ilustrações em *O Mosquito* (1875-1877). Várias edições piratas d’*As Farpas* foram realizadas; mais de dois mil exemplares foram difundidos sem que os autores recebessem um centavo. Aliás, fizeram queixa junto ao presidente da província e até num tom jocoso junto ao Imperador em pessoa. Mas as coisas mudaram, a cumplicidade se transformou em ódio quando saiu a “farpa” intitulada “O ‘Brasileiro’”, considerada como um insulto pelos nativistas de Pernambuco, cujo anti-lusitanismo estava à flor da pele.

Para eles, os portugueses principalmente os comerciantes eram responsáveis por todas as misérias da província, e conseqüentemente os bodes espiatórios por excelência. Eça de Queirós pecou por imprudência quando publicou um texto ambíguo, onde fazia um retrato violentíssimo de “O ‘Brasileiro’”: *Há longos anos o brasileiro é entre nos o tipo de caricatura mais francamente popular*.<sup>3</sup>

Aliás, na edição de *Uma Campanha Alegre*, em 1890, vinte anos mais tarde, Eça fez uma verdadeira auto-crítica modificando o texto inicial: *Há longos anos o Brasileiro (não o brasileiro brasílico, nascido no Brasil) mas o português que migrou para o Brasil e que voltou rico do Brasil, é entre nos o tipo de caricatura mais francamente popular*.<sup>4</sup>

É verdade que entretanto, Eça de Queirós, cônsul de Portugal, romancista conhecido, tinha se tornado um cidadão muito conceituado e altamente

frequentável. Desde 1880 colaborava todas as semana na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, e os seus romances faziam um grande sucesso no Brasil, mesmo que existissem edições piratas. Os direitos autorais só foram objeto de um acordo luso-brasileiro em 1889 pouco antes da queda do Império.

Ramalho Ortigão excitou ainda mais os “patriotas” publicando uma *Farpa* na qual caricaturava os títulos nobiliários brasileiros de consonância tupi-guarani, que os portugueses consideravam muito exóticos e ridículos.<sup>5</sup> Às *Farpas* responderam os *Farpões* de José Soares Pinto Corrêa e às caricaturas dos portugueses na *América Ilustrada*, respondia os desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro em *A Lanterna*.

Todos os defeitos atribuídos aos portugueses: grosseria, ignorância, avareza, falta de higiene, vulgaridade, foram ilustrados com crueldade. Mas a briga não ficou nos libelos e n’*As Farpas*. Em Goiana, então segunda cidade da província de Pernambuco, os patriotas atacaram os comerciantes portugueses e vários comércios foram destruídos.

Várias pessoas morreram, as autoridades provinciais tiveram que mandar o exército para proteger a segurança dos bens e das pessoas. Essas desgraças que marcaram de uma forma duradoura as relações entre portugueses e brasileiros nativistas deixou em segundo plano as brigas ideológicas que diziam respeito à questão religiosa, à educação das mulheres, os usos e costumes em geral e particularmente o adultério na sociedade burguesa. Não esqueçamos que Dom Vital que foi um dois primeiros atores do conflito entre a Igreja e o Estado (1872-1873) era na altura, Bispo de Olinda.

Em *A verdade*, revista publicada pela Maçonaria e dirigida pelo romancista realista Franklin Távora, encontravam-se argumentos inspirados n’*As Farpas* dos dois autores portugueses. Naquela altura Eça de Queirós já estava preparando a redação das primeiras versões de *O Crime do Padre Amaro* que saiu na *Revista Ocidental* em 1875.

Pouco tempo depois Eça deixaria Portugal para assumir as funções de cônsul de Portugal na capital cubana, mas Ramalho Ortigão continuou a redação d’*As Farpas* que foram difundidas no Brasil com a mesma regularidade que em Portugal. Este episódio pernambucano é o primeiro duma longa história do relacionamento de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Bordalo Pinheiro com o Brasil. Ele prefigura os debates que tiveram lugar principalmente no Rio de Janeiro entre 1877 e 1880.

Para além das irritações provocadas por certas “farpas” julgadas insultantes por jornalistas brasileiros, é inegável que essas mesmas “farpas” provocaram um amplo debate na imprensa brasileira, tanto em relação a temas

literários como a temas filosóficos e de sociedade. Não havia um verdadeiro corte entre a atividade do jornalista e do escritor de romances.

Para os autores portugueses e brasileiros, principalmente os realistas, o romance era, em certa forma, o prolongamento da crônica. Os autores tanto em Lisboa como no Rio de Janeiro tinham por ambição trabalhar em prol de uma reforma dos costumes e do progresso da sociedade. Maria Amália Vaz de Carvalho escreveu a propósito d'*As Farpas*:

Tiveram estes livrinhos às vezes cruéis, sempre cintilantes e de um “entrain” imprevisto, um salutar efeito nos costumes sociais e domésticos de nossa gente. Com eles entrou em muita casa a abundância de ar e de água e a luz que até ali era considerada supérflua. “As Farpas” contribuíram com Raspail e Pasteur na obra de desinfecção aplicada aos “ménage” portugueses. A influência moral foi também enorme.<sup>6</sup>

Esta apreciação pode se aplicar sem dificuldade aos leitores da imprensa brasileira ainda muito influenciada pelos usos e costumes da sociedade portuguesa no Rio de Janeiro, como nas capitais das províncias do Norte e Nordeste do país. Isto explica, por exemplo, a grande influência exercida por Ramalho Ortigão, alguns anos mais tarde (1880-1881), sobre Aluísio Azevedo. Suas crônicas publicadas em *O Pensador* de São Luís do Maranhão, a mais portuguesa das capitais das províncias brasileiras, lembravam *As Farpas* tanto pelos temas como pelo estilo. Aliás, o próprio Aluísio Azevedo não se sentia ofendido pela comparação.<sup>7</sup>

Os ressentimentos manifestados por certos nativistas brasileiros não impediram que Bordalo Pinheiro assinasse um contrato com o proprietário do jornal satírico *O Mosquito*, em 7 de abril de 1875. As cinquenta libras estelinas que doravante passou a receber mensalmente permitiram ao artista português transferir mulher e filho para o Rio de Janeiro. Bordalo dirigiu essa revista até 27 de maio de 1877. Depois de uma experiência infeliz na direção da revista *Psitt* (3 números de 15 de setembro a 10 de novembro de 1877) e colaborações em diversos jornais, criou em 6 de abril de 1878, *O Besouro*, revista mensal que teve nove números. Estabeleceu fortes laços de amizade com vários compatriotas numa associação conhecida como *República dos Janotas Alfacinhas das Laranjeira*. Sem esquecer suas relações também com intelectuais brasileiros como José do Patrocínio, o futuro *Tigre da Abolição*, diretor a partir de 1880 de vários jornais abolicionistas.

Foi graças a Ramalho Ortigão que José do Patrocínio conseguiu exercer como jornalista e polemista n' *O Besouro*. Alguns dias após da morte de Bordalo Pinheiro em 1905, José do Patrocínio, que morreria alguns dias mais tarde, evocou o amigo de juventude nos seguintes termos:

Com a rapidez de um relâmpago, apoderava-se do meio onde estavam, e, assenhoreando-se das fisionomias e dos caracteres podia desde logo transfigura-los de memória, sem perder uma linha, um gesto, surpreendendo o que havia de caricato em cada individualidade, e o traço com que ele caracterizava, nunca mais se apagava.<sup>8</sup>

Os temas mais diversos foram tratados com muita zombaria nas cenas apresentadas em seriados que prefiguram os desenhos animados que surgiriam algumas dezenas de anos mais tarde. Um dos temas favoritos de Bordalo Pinheiro era o combate anti-clerical. Tinha como bode espiatório o cônego José Gonçalves Ferreira que dirigiu o jornal conservador *O Apóstolo*. Aparece sempre representado com os traços de uma personagem bochechuda, usando uma batina preta, óculos redondos com uma cara em forma de lua. O homem, bem rechonchudo, manifestando uma truculência tipicamente clerical. Simbolizava o conjunto do clero parasita que tira proveito da ignorância da sociedade, principalmente das mulheres.

O mesmo tipo humano aparece também em romances como *O Crime do Padre Amaro* de Eça de Queirós. Aparecerá em 1881, sob os traços do padre Diogo em *O Mulato* de Aluísio de Azevedo. Lembremos que Aluísio era amigo e discípulo de Bordalo Pinheiro, tendo sido caricaturista n' *O Figaro* e n' *A Comédia Popular* no Rio de Janeiro, 1876-1878, e cronista em *O Pensador* de São Luis, 1880-1881.

Os portugueses eram geralmente objeto da chacota dos cronistas e caricaturistas brasileiros. Assim, em 1876 tomando por pretexto a farsa de Eduardo Garrido, *O Manuel Trinta Botões* – que seria montada no *Teatro São Pedro* – Aluísio Azevedo fez a caricatura de *O Trinta Botões* n' *O Figaro* de abril de 1876.

O Manuel chegado de Portugal, esfomeado, magro, mal vestido, de tã-mancos, pobre, reapareceria anos depois graças a um comércio lucrativo já gordo, próspero, usando um casaco de trinta botões, com o título de comendador, de barão, pronto para regressar a Portugal para gastar o dinheiro ganho no Brasil.

Os comerciantes portugueses eram objeto de inveja provocada por seu sucesso econômico e comercial. Inveja esta que alimentava a lusofobia. Este tema, aliás, seria muito explorado por Aluísio Azevedo em *O Mulato*,

em 1881, e em *O Cortiço*, em 1890. Contudo, entre 1876 e 1878, esta manifestação de anti-lusitanismo não provocou no Rio de Janeiro os distúrbios que tinham tido lugar no Recife alguns anos mais cedo. Bordalo Pinheiro apesar de sua amizade por Aluísio Azevedo, não ficou à margem da polêmica. *Zé Povinho*, sua personagem fetiche criada em Lisboa pouco tempo antes da viagem para o Brasil, não fazia nenhuma concessão ao barão do Lavradio, alto funcionário particularmente lusófobo que Bordalo apresentava em *O Mosquito* e *O Besouro* com traços que nada ficavam a dever a um caricaturista como o francês Daumier.

A virulência de Bordalo deu origem a sólidas inimizades como por exemplo com Angelo Agostini, o grande ilustrador e caricaturista d'*A Revista Ilustrada*, como também com artistas e homens políticos que se consideram ofendidos pelas caricaturas excessivas do português. Assim foi vítima de dois atentados em março de 1879. Estes convenceram-no de que uma pessoa podia ser corajosa sem ser temerária e que era melhor deixar o Rio de Janeiro.

Foi assim que voltou para Portugal onde realizou a magnífica obra que conhecemos tanto nos jornais de Lisboa e como na realização das cerâmicas de Caldas da Rainha. Só regressou ao Rio de Janeiro vinte anos mais tarde e apenas por um período de tempo muito curto. Este episódio que pode parecer anedótico confirma, porém, as grandes tensões que existiam no mundo cultural carioca entre portugueses e brasileiros.

A estas juntavam-se as polêmicas sobre o papel da Igreja, o futuro da escravidão e da monarquia. Essas grandes questões estavam presentes tanto na imprensa, como no teatro ou na literatura. Foi nesse contexto que foi lançado *O Primo Basílio*, romance moderno, realista, já que o termo “naturalista” só foi empregado em 1879. O romance era, no espírito de seu autor, também jornalista, um prolongamento do jornal. Sabemos que quase todas as obras literárias saíam primeiramente sob a forma de folhetim nos jornais e revistas. Muitas vezes também, as composições tipográficas do jornal serviam para a edição de livros baratos para leitores de poucos recursos. O romance-folhetim, romântico ou não, o romance de aventuras, dominavam e correspondiam o gosto de um público que os constestatários realistas tinham a ambição de conquistar.

Era, portanto, lógico e compreensível que tivessem escolhido batalhar por uma mudança estética e por afirmar as suas idéias filosóficas e políticas na imprensa mais ainda do que no romance, salvo algumas exceções. Já em 1868, Franklin Távora tinha publicado, em Recife, um pequeno romance realista de costumes: *Um Casamento no Arrabalde*. Logo no prólogo declarava:

Não é lícito prescindir de um ideal que representa a vitória de um princípio, uma instituição, uma idéia útil da sociedade. O romancista moderno deve ser Históriadador, crítico, político ou filósofo.

Apesar das suas intenções generosas, o alcance do romance foi restrito (500 exemplares). O seu segundo romance *O Cabeleira*, romance histórico, prefiguração dos romances de cangaceiros, publicado em 1876 no Rio de Janeiro, não alcançou maior sucesso. Porém, segundo Araripe Junior, coube a José do Patrocínio, amigo de Bordalo Pinheiro, a tarefa de abrir o caminho para o romance realista no Brasil ao publicar *Mota Coqueiro ou a Pena de Morte* na *Gazeta de Notícias*, em 1876. Lembremos que Inglês de Souza, que publicou *O Cauculista* em 1876 e *O Coronel Sangrado*, em 1877 em Santos, dois romances de costumes amazonenses, que marcaram uma certa distância com o romantismo dominante só atingiu um público restrito de leitores.

Mesmo existindo um clima favorável na imprensa para a recepção de uma literatura realista no Rio de Janeiro, o desfecho só se produz em 1878 através da difusão de *O Primo Basílio* de Eça de Queirós.

*O Crime do Padre Amaro*, que Araripe Junior afirmou ter lido numa revista portuguesa em Fortaleza, tinha passado quase despercebido no Rio de Janeiro e não chamara a atenção do público. Foi um longo artigo do Ramalho Ortigão escrito em 1877, retomado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro que despertou uma certa curiosidade. Nele analisava a obra, que elogiava, embora desaconselhasse às mocinhas a leitura de um romance que julgava *en avance sur son temps* [sic]:

É o primeiro exemplo de uma obra de arte sugerida pela consideração de um problema social [...] como obra de higiene social lamentamos que ela não possa desde já atuar pela sua influência no espirito deste pais, onde o primeiro livro de educação moderna, “La femme, le prêtre et la famille” é ainda tido por um sacrilégio do impio Michelet.<sup>9</sup>

Na realidade, foi preciso a recepção conturbada do romance *O Primo Basílio* para que os leitores cariocas mais numerosos se interessassem pelo *Crime do Padre Amaro*.

O papel de Ramalho Ortigão foi primordial para a promoção de *O Primo Basílio* no Rio. Graças a um dos seus irmãos, comerciante de sucesso do Largo de São Francisco, Ramalho Ortigão entrou em contato, já em 1876, com Ferreira de Araujo, que fundara a *Gazeta de Notícias* em 1874, o jornal

considerado como o mais inovador da sua época. Já no começo de 1878 colaborou de maneira regular na *Gazeta de Notícias* publicando suas “Cartas portuguesas”. Mesmo distante, encontrava nas páginas desse jornal, seu compadre Bordalo Pinheiro prefigurando a fraternidade que se desenvolveria dois anos mais tarde em Lisboa n’*O Antônio Maria. A obra de Bordalo Pinheiro e a minha nunca se fundiram de todo uma na outra. Os desenhos dele e a minha prosa são duas coisas harmoniosamente reunidas, formando um so todo.*<sup>10</sup>

A sua ação nas páginas dos jornais cariocas foi conjunta em prol da promoção d’*O Primo Basílio*. Em 22 de fevereiro de 1878, Ramalho Ortigão publicou uma “Carta Portuguesa” exclusivamente consagrada à obra de Eça; que seria publicada um mês depois na *Gazeta de Notícias* no Rio. Após uma curta introdução, na qual lembra aos leitores cariocas os laços de amizade que o ligam a Eça de Queirós, Ramalho lança-se a uma análise detalhada da obra.

Já em Lisboa publicara um estudo um pouco mais longo a “farpa”: “*O Primo Basílio*”, *fisiologia do adultério burguês, o donjuanismo em Lisboa, suas origens, sua evolução e seu pelintrismo*,<sup>11</sup> abordava também tanto temas ligados à estética como ligados à moral e salientava o papel da responsabilidade social do escritor moderno. Sem nunca empregar o termo “naturalismo”, Ramalho Ortigão expunha as principais características do romance realista. Não dissimulava certas reservas sobre as cenas eróticas do romance, qualificadas de escabrosas ou pornográficas pelos que se opunham ao novo tipo de romance.

Mostrava contudo que não se tratava do aspecto principal do romance. Insistia no profundo conhecimento que Eça de Queirós tinha do meio social descrito no livro e dos mecanismos que orientavam o comportamento das personagens. Enfim, punha em relevo o valor moral da obra e o papel de educador de Eça de Queirós, tanto n’*O Primo Basílio* como em *O crime do Padre Amaro*.

Ramalho Ortigão que era considerado um adepto do positivismo, sofrera segundo Teófilo Braga, uma verdadeira transfiguração:

Assistimos a essa transfiguração e Ramalho Ortigão deve à forte disciplina mental recebida no curso de filosofia positivista de Auguste Comte. Foi por essa filosofia que ele coordenou os seus conhecimentos e que soube o que lhe faltava para uma educação enciclopédica tão necessária na especialização das ciências modernas.<sup>12</sup>

A nosso ver, não se pode dissociar a participação de Ramalho Ortigão do fenômeno que representou o lançamento de *O Primo Basílio* no Rio de Janeiro.

O romance originou o debate mas também serviu de pretexto para uma reflexão mais ampla na qual os adeptos do positivismo puderam expressar sua concepção da literatura e do papel do escritor numa sociedade que queriam transformar profundamente. Os debates tiveram continuidade na *Gazeta de Notícias* quando o *Primo Basílio* já se encontrava nas livrarias desde o mês de abril.

Curiosamente, nos artigos contraditórios não se falava ainda de Zola. Flaubert aparecia como o autor de referência para os defensores do romance moderno. Os artigos sérios coexistiam com as caricaturas e os desenhos humorísticos como os de Bordalo Pinheiro em *O Besouro*, de 15 de abril de 1878.

Só em 16 de abril é que Machado de Assis publicou na revista *O Cruzeiro* com o pseudônimo de Eleazar, um verdadeiro libelo contra a escola realista, usando a autoridade moral e literária que lhe era reconhecida.<sup>13</sup> A opinião emitida sobre a dimensão moral do romance situa-se no extremo oposto das opiniões de Ramalho Ortigão:

Se o autor, visto que o realismo também inculca vocação social e apostólica, intentou dar no seu romance algum ensinamento ou demonstrar com ele alguma tese, força é de confessar que o não conseguiu, a menos de supor que a tese ou ensinamento seja isto: a boa escolha dos fâmulos é uma condição de paz no adultério. A um escritor esclarecido de boa fé, como o senhor Eça de Queirós, não seria lícito contestar que, por mais singular que pareça a conclusão, não ha outra no seu livro.<sup>14</sup>

Esses julgamentos do censor intratável, proprietário da verdade e dos valores morais, a acusação de plágio formulada noutra crônica de *O Cruzeiro* a propósito de *O Crime do Padre Amaro*, acusação ofensiva e contrária à verdade, envenenaram o debate. Os jovens autores aderiram ao “basilismo”, os desenhistas e caricaturistas fizeram de Machado de Assis o alvo das suas burlas; foi o caso de Bordalo Pinheiro<sup>15</sup> e do Aluísio Azevedo.<sup>16</sup>

Encontraremos o mesmo humor, embora mais cáustico, sob a pluma de Eça de Queirós não imediatamente, numa carta datada de 1º de janeiro de 1880, escrita em Bristol, a propósito da acusações de plágio:

Com o conhecimento dos dois livros, so uma obtusidade cornea ou ma fé cinica poderia assemelhar esta bela alegoria idilica, a que esta misturado o patetico drama de uma alma mistica, ao Crime do padre Amaro, que, podem ver neste novo trabalho é apenas no fundo, uma intriga de clérigos e de beatos tramada e murmurada à sombra

de uma velha Sé de província portuguesa. Aproveito esta manuscrito para agradecer à crítica do Brasil e de Portugal a atenção que ela tem me dado aos meus trabalhos.

A ruptura entre os dois escritores estava consumada. Havia efetivamente uma incompreensão forte demais por parte de Machado de Assis. Este episódio da vida literária luso-brasileira já foi muito estudado.<sup>17</sup> O que importa aqui é situar o debate em seu contexto. O tema literário tinha muita importância, é certo, mas não suficiente. O que contava para os realistas era colocar seus livros ao serviço de uma profunda vontade de reforma da sociedade. Deste ponto de vista, os três autores portugueses tiveram uma influência complementar sobre os jovens autores brasileiros.

Na imprensa, no caso de Bordalo Pinheiro e Ortigão, no romance e também na imprensa para Eça de Queirós, que colaborou de maneira quase ininterrupta na *Gazeta de Notícias* de 1880 a 1897, com “Crônicas de Londres” e “Cartas de Paris”, ou também com “Cartas de Inglaterra”. Esta colaboração representava recursos financeiros garantidos que compensavam em parte as perdas ligadas às edições piratas das suas obras.

Eça e Ramalho Ortigão tornaram-se, de fato, jornalistas brasileiros quando Bordalo Pinheiro reatava com Portugal. O seu papel não se limitou ao debate polêmico de 1878. Existia tanto espaço para Eça como para Machado de Assis nas páginas brasileiras. A *Gazeta de Notícias* abriu suas colunas a um Eça jornalista mas também ao Eça romancista: *A Relíquia* saiu em 1887 e a *Correspondência de Fradique Mendes* em 1900.

A lembrança das brigas que animaram o Rio de Janeiro de 1878, muito mais do que as brigas do Recife de 1872-1873, foram esquecidas. Eça de Queirós e Ramalho Ortigão foram “adotados” no final nos anos ’80. Entre os temas que devemos frisar convém insistir sobre o papel de intermediação prévia que tiveram os tres autores portugueses para a difusão dos romances naturalistas de Zola que só apareceu no debate no começo dos anos 80.

As aventuras positivas ou negativas dos autores, em Recife e no Rio de Janeiro, ilustram muito bem o estado das relações entre Portugal e o Brasil: a desconfiança dos nativistas, o ressentimento dos “patriotas”, a condescendência – mesmo se por pouco tempo – dos representantes da antiga metrópole face aos jovens escritores brasileiros que penavam para se libertarem do modelo português.

## Notas

- 1 Álvaro Lins, *História História de Eça de Queirós*, Rio de Janeiro, ed. José Olímpio, 1939.
- 2 Rafael Bordalo Pinheiro, *O caricaturista*, São Paulo, Pinacoteca, 1996, p. 86.
- 3 Eça de Queirós, “O Brasileiro”, in *Farpas*, Lisboa, fev. 1872.
- 4 Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, vol. 2, Lello ed., Porto, 1946, pp. 107-115.
- 5 Ramalho Ortigão, *Farpas*, Lisboa, 1872, *apud*. Paulo Cavalcanti, *Eça de Queirós agitador no Brasil*, col. Brasília-na, vol. 311, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1966.
- 6 Maria Amalia Vaz de Carvalho, *As Farpas*, *apud*. Viana Moog, *Eça de Queirós e o século XIX*, col. Vera Cruz, vol. 107, Rio de Janeiro, ed. Civilização Brasileira, 1966, p. 295.
- 7 Josué Montello, *Aluísio Azevedo e a polémica d’ O Mulato*, Rio de Janeiro, ed. J. Olímpio/MEC, 1975.
- 8 José do Patrocínio, Rafael Bordalo Pinheiro, *A Notícia*, Rio de Janeiro, fev. 1905.
- 9 José Trepça, *Eça de Queirós visto por seus contemporâneos (1845-1905)*, Lisboa, ed. Lello e irmão, 1945, p. 7.
- 10 Ramalho Ortigão, *As Farpas*, abril 1882, *o movimento literario e artistico*, tomo IX, Cia. Nacional Ed., Lisboa, 1889.
- 11 Ramalho Ortigão, “Cartas Portuguesas”, *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 23.03.1878.
- 12 Teofilo Braga, “Eça de Queirós” in *Renascença*, p. 93-98, *apud*. *Eça de Queirós visto pelos seus contemporâneos*, *op. cit.* p. 42.
- 13 Machado de Assis (Eleazar) « O Primo Basílio por Eça de Queirós », in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 16.05.1878 *apud*. Machado de Assis, *Crítica História*, vol. 29, W.M. Jackson Inc., Rio de Janeiro, 1944, p. 165.
- 14 *Id.*, *Ibid*, p. 169.
- 15 Eça de Queirós, “Carta” 01.01.1880, *apud*. Viana Moog, *Eça de Queirós e o século XIX*, *op. cit.* p. 245.
- 16 Jean-Yves Mérian, *Aluísio Azevedo, vida e obra*, Rio de Janeiro, ed. Espaço e Tempo, 1988, p. 104-140.
- 17 Ver a este propósito Jean-Yves Mérian, *op.cit.* pp. 104-140

## Resumo

A estética realista-naturalista só se desenvolveu no Brasil, com êxito relativo, a partir de 1881 com a publicação de *O Mulato* de Aluísio Azevedo, três anos depois da famosa “polêmica do Primo Basílio”. Esta forma estética nova não pode ser dissociada do espírito de reforma social e política, de progresso, que animava em Portugal e no Brasil, os jovens intelectuais e escritores inspirados pelas filosofias positivista e evolucionista.

Eça de Queirós, Ramalho Ortigão com *As Farpas* e *Crônicas polémicas*, nos jornais do Recife e do Rio de Janeiro, Bordalo Pinheiro com suas caricaturas nos jornais satíricos da capital brasileira, representaram uma mediação essencial entre a Europa e o Brasil para a promoção das idéias novas a partir de 1871. Os dois escritores tornaram-se verdadeiros escritores luso-brasileiros, pela frequência e pelo número de suas colaborações nos jornais brasileiros a partir de 1880.

## ***Abstract***

The naturalistic and realistic aesthetic only developed to some extent in Brazil after 1881 with the release of *O Mulato* by Aluizio de Azevedo, three years after the famous “Primo Basilio polemic”. This new aesthetic style cannot be separated from either the social and political reform spirit nor the progress, which in that time moved young intellectuals and writers inspired in Brazil and in Portugal by the evolutionary theories and the positivist philosophies.

Eça de Queiros, Ramalho Ortigao with *As Farpas e Crônicas polémicas*, in Recife’s and Rio de Janeiro’s newspapers, Bordale Pinheiro with his caricatures published in the satirical newspapers of Brazil’s capital embodied essential a mediation for the promotion of new ideas between Brazil and Europe after 1871. Given their contributions to Brazilian newspapers after 1880 both writers eventually became authentic Portuguese and Brazilian authors.